

A INFLUÊNCIA PARENTAL NA CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ana Karoline Gomes Lopes
Psicóloga clínica CRP 11/19808
psikarolinegomes@gmail.com

Francisca Amanda Dias da Silva
Graduanda do Curso de Psicologia do Centro
Universitário Maurício de Nassau – Unidade
Parnaíba
f.amanda.silva2016@bol.com

RESUMO

O presente artigo visou analisar a influência parental de famílias hetero e homoparentais na construção de gênero e sexualidade dos filhos e como esta influencia se dá através do desenvolvimento humano. A partir da observação da carência de estudos sobre este assunto, foi encontrada a necessidade de mais pesquisas sobre este assunto. Para tanto, foram analisados e estudados artigos, livros e monografias sobre o assunto, com o objetivo principal de analisar a influência parental pode sugerir o desenvolvimento das questões de gênero e sexualidade. Foi realizada uma revisão bibliográfica, de caráter exploratório, de abordagem qualitativa, onde foi possível analisar como a transgeracionalidade age no desenvolvimento humano, como os estilos parentais podem influenciar positiva e negativamente nas decisões dos filhos, também foi observado que a homossexualidade em nada influencia na qualidade da criação dos filhos. Os resultados também evidenciaram que um relacionamento heteronormativo pode causar insegurança nos jovens sobre como revelar sua sexualidade e sobre como lidar com elas. Este artigo permite a compreensão sobre os diferentes tipos de parentalidade e podendo ainda auxiliar em pesquisas futuras.

Palavras-chave: Parentalidade, gênero, desenvolvimento humano.

PARENTAL INFLUENCE ON THE CONSTRUCTION OF GENDER AND SEXUALITY: A BIBLIOGRAPHICAL REVIEW

ABSTRACT

This article aimed to analyze the parental influence of hetero and homoparental families in the construction of gender and sexuality of children and how it influences through human development. From the observation of the lack of studies on this subject, the need for further research on this subject was found. For that, articles, books and monographs on the subject were analyzed and studied, with the main objective of analyzing parental influence may suggest the development of gender and sexuality issues. An exploratory bibliographic review of a qualitative approach was carried out, where it was possible to analyze how transgenerationality acts on human development, how parenting styles can positively and negatively influence children's decisions, it was also observed that homosexuality has no influence on quality of child rearing. The results also showed that a heteronormative relationship can cause insecurity in young people about how to reveal their sexuality and how to deal with them. This article allows an

understanding of the different types of parenting and may also assist in future research.

Key words: Parenting, gender, human development.

1. INTRODUÇÃO

A família é o primeiro contato dos seres humanos com o mundo externo, ela é a primeira conciliadora entre o ser e a cultura. Com seus costumes, práticas e significados próprios, a família é o modelo a ser seguido para a estruturação das relações pessoais e sociais. Os acontecimentos familiares influenciam fortemente no comportamento diante das interações sociais, visto que a família é tida como um sistema social encarregado pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados de uma geração para outra (KREPPNER, 2000). Portanto, a família tem um papel real e é de suma importância no desenvolvimento e comportamento do ser.

Considerando as questões de gênero como um fator substancial nesse desenvolvimento, as ciências sociais argumentam, no entanto, que gênero é uma construção social, fruto de uma organização social das relações entre os sexos e não um produto da anatomia de seus corpos. Na ótica psicanalítica, esta identidade do gênero se dá por um comportamento de origem psicológica que pode-se apresentar uma tendência inversa, ainda que se associe a propriedade biológica do ser, “uma massa de convicções, para além do seu fundamento biológico, se forma a partir das

atitudes parentais e filtradas pela personalidade do indivíduo”. (AFONSO, 2007, p. 332).

A partir disso, qual a influência parental na construção de gênero e sexualidade dos filhos? É importante compreender que cada indivíduo tem sua história e suas vivências, e que isso vem carregado de heranças familiares, com as questões de gênero e sexualidade não seria diferente. A vista disso, percebemos o quanto importante é o papel familiar e que isso implica diretamente no desenvolvimento da ótica do ser sobre essas questões e relações intrapessoais e interpessoais. Logo, a hipótese levantada por esta pesquisa é que: os pais influenciam fortemente na construção da visão de relações e decisões do indivíduo e, dependendo de como se dá essa relação pai-filho, essa influência pode ser positiva ou negativa.

Diante dessa perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar a influência parental no desenvolvimento humano e como isso afeta nas questões de gênero e sexualidade, isto é, como a influência da família pode suggestionar o desenvolvimento destas mesmas questões, compreendendo o papel dos pais como grandes mediadores da construção desses vínculos e concepções. Além disso, compreender onde essa influência se aproxima e se afasta na questão do desenvolvimento humano e compreender como se dá esta influência em famílias heteroparentais e homoparentais.

De acordo com Sant'Anna e Daspett (2007), a homossexualidade foi vista por muito tempo como pecado, doença ou crime, portanto, as rejeições para/com estas pessoas ainda é muito grande na atualidade, no entanto, pessoas homossexuais se desenvolvem em todos os âmbitos familiares, bem como grupos étnicos, socioeconômicos e religiosos. A escolha deste tema foi feita por uma pesquisa onde se pode observar uma carência de estudos sobre o assunto, o qual é de suma importância ser discutido na atualidade. A relevância desta pesquisa se dá exatamente por se caracterizar como um estudo pouco investigado, com o intuito de despertar a atenção e interesse em novas pesquisas na área.

Para tanto, realizamos uma revisão, unindo materiais já publicados e desenvolvendo o tema no decorrer da leitura. Portanto, pretendemos mostrar ao leitor a importância do desenvolvimento e construção de gênero e ainda, apresentar a importância dos pais nessa construção, levando em consideração o contexto de desenvolvimento humano e a função de extrema importância das experiências nessa construção.

2. METODOLOGIA

Notando as mudanças nas estruturas familiares e o seu desenrolar ao longo dos anos, foi observada uma carência de informação perante o assunto gênero e sexualidade, suas implicações e o papel dos pais nessa construção. A partir disso foi despertada uma necessidade de investigação sobre esta área.

Ao ser discutido a relevância do assunto, foi visto a necessidade de aprofundamento nessa pesquisa, para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza aplicada, de método científico dedutivo, partindo de conhecimentos teóricos gerais e seguindo para o particular (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.31). O objetivo do artigo é de caráter exploratório, visto que visa identificar os fatores e causas do fenômeno, analisando e aprofundando com a realidade.

O procedimento técnico se deu por uma pesquisa de visão bibliográfica, revisando materiais já publicados, contribuindo para o conteúdo desta temática e visando despertar o interesse em pesquisas futuras na área. Ainda com uma abordagem qualitativa, visando entender o significado dos fenômenos e atribuindo significados. Foram utilizados os bancos de pesquisa da Scientific Electronic Library Online (Scielo), Revista Eletronica de Educação e Psicologia (Edupsi), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsic) e ainda, artigos e monografias, produções literárias e dissertações sobre a temática.

Como critérios de inclusão, foram utilizadas obras datadas de 2009 a 2019, com exceção de algumas obras de suma relevância para o assunto. Ainda para a pesquisa foram utilizadas obras a partir dos descritores: gênero, parentalidade e desenvolvimento humano. Como critérios de exclusão, foram observadas e descartadas as obras que fugiam do assunto ou o tratavam superficialmente. Foram utilizadas ainda, informações que possam vir a ser relevantes para contribuir com futuras pesquisas sobre o assunto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Compreendendo o desenvolvimento humano

O processo de desenvolvimento humano é fundamentado no estudo científico que os indivíduos podem mudar, de modo que as características continuem imutáveis no decorrer de sua vida. Esse desenvolvimento precisa de uma história ou contexto, assim cada indivíduo expande entre um meio específico de situações estabelecidas por determinado tempo e lugar. Conforme os estudos sobre desenvolvimento se expandia, os cientistas começaram a compreender que as experiências influenciavam a trajetória das vidas dos indivíduos (PAPALIA; FIELDMAN, 2006, p. 42)

Ao longo da história das civilizações o processo de desenvolvimento pessoal sempre esteve relacionado com o cronograma de tempo, levando em consideração as idades e o estado de maturidade em que se encontram, revelando diferentes concepções de ideias e resgatando valores construídos ao longo da vida, o que leva ao final um processo de amadurecimento e crescimento pessoal (ALMEIDA; CUNHA, 2003).

Primeiramente, o desenvolvimento vai estar ligado à dependência que um ser humano tem com o outro. A criança desde quando nasce vai estar submetida a sua mãe e pai, pois eles são os primeiros mediadores a inserir eles na sociedade. Essa mediação encarrega-se em assumir diversas características, como as motivações, sentimentos, religiões suas concepções e estes ajudam na construção das

relações futuras e nas suas aplicações psicológicas (FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2006).

No processo de desenvolvimento pessoal e humano o assunto referente a adolescência vem tornando-se relevante a partir do século XX, diferente da criança que por se tratar de objeto de cuidados dos pais tem sido estudado com mais frequência tendo relatos de estudos mais antigos. Por outro lado o assunto relacionado a adolescência torna-se importante por apresentar vivências do passado e planos para o futuro tornando capaz de vivenciar os deveres da vida adulta sem haver tanta responsabilidade pois ainda possuem um vínculo de dependência com os pais, essa fase de transição conhecimento, e vivência é de suma importância quando diz respeito ao processo de crescimento e aprimoramento da maturidade e no processo de criação de personalidade (ALMEIDA; CUNHA, 2003).

As pessoas são diferentes em todos os âmbitos da vida, sexo, altura, peso, formas de enxergar e julgar, formas de lidar com emoções. E também ocorre no contexto de suas vidas, moradia, sociedade em que estão inseridos, relacionamentos, lugares que frequentam, amigos que escolhem, e é exatamente neste contexto social onde ocorrem a maior parte de seus conflitos e construções de suas relações (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 42).

3.2 Desenvolvimento humano: teorias da psicologia

No decorrer dos avanços das teorias do desenvolvimento, os teóricos da área se

preocuparam em focar nas mudanças sistemáticas do comportamento e a que se davam essas mudanças, focando nos aspectos particulares dessa transformação, como por exemplo, cognição e emoção, também no detalhamento dessas mudanças e ainda relacionando esses aspectos (SENNA; DESSEN, 2012). A 12ª edição do livro *Desenvolvimento Humano* de Papalia e Feldman traz as teorias psicológicas do desenvolvimento divididas em 5 grandes perspectivas teóricas do desenvolvimento humano, sendo elas a psicanalítica, da aprendizagem, cognitiva, contextual e evolucionista/sociobiológica.

A teoria psicanalítica se divide em duas, sendo a psicosexual desenvolvida por Freud que defende que o que motiva o comportamento humano são forças inconscientes. Freud (1856 – 1939) desenvolveu a teoria psicosexual, dividindo-a em cinco fases onde o desejo se concentraria em uma parte do corpo, sendo da boca para o anus e depois para os genitais. De acordo com Freud, na fase fálica da segunda infância, um evento fundamental seria o de o filho desenvolver um desejo inconsciente pela mãe e a menina, pelo pai, e também desenvolvendo impulsos agressivos pelo genitor do sexo oposto, sendo denominado de complexo de Édipo e complexo de Electra, respectivamente.

Ainda na psicanálise, existe também a teoria psicossocial de Erik Erickson (1902 – 1994) que vem defender que a personalidade é influenciada pela sociedade e desenvolvida a partir de crises, essa teoria abrange oito estágios de desenvolvimento, cada um desses estágios envolve uma crise de personalidade, cada estágio

requer um equilíbrio entre uma tendência positiva e uma negativa e ainda, uma atenção para o tema psicossocial dentro daquele estágio, sendo resolvidos satisfatoriamente para o desenvolvimento de um ego saudável. A teoria de Erickson foca na influência social e cultural do desenvolvimento.

As teorias da aprendizagem trazem que o desenvolvimento é fruto da aprendizagem, que pode ser adquirida nas experiências ou na adaptação ao meio. Essas teorias ajudaram o estudo do desenvolvimento a ter um embasamento científico maior, podendo ser testados em laboratório. Uma das principais teorias é behaviorismo, que defende que o ser humano aprende de acordo com a adaptação do meio, reagindo as condições do ambiente, concentrando-se na aprendizagem associativa. Os dois tipos de aprendizagem associativa são condicionamento clássico, de Pavlov (1849 – 1936), e o operante, de Skinner (1904 – 1990). Outra teoria da aprendizagem é a da aprendizagem social, desenvolvida por Albert Bandura (1925-) com o conceito de determinismo recíproco, a pessoa age sobre o mundo na medida em que o mundo age sobre a pessoa. Essa teoria sustenta o processo de aprendizagem observacional, que consiste na observação e imitação de modelos, como pais, professores, heróis, modelos que são percebidos e valorizados pela cultura.

Entrando na perspectiva cognitiva, atenta-se nos pensamentos e comportamentos que refletem nesse processo. As principais teorias são a de Piaget (1896 – 1980), dos estágios cognitivos e a teoria do desenvolvimento sociocultural, de Vygotsky (1896 – 1934). Na

teoria de Piaget, três processos se inter-relacionam, sendo organização, adaptação e equilíbrio. Piaget traz que as crianças tem uma capacidade inata para se adaptar ao meio, desenvolvendo um quadro mais preciso e de maior adaptação. Assim como Piaget, Vygotsky foca no envolvimento da criança com seu ambiente, no entanto, Vygotsky foca na interação social, onde as crianças adquirem habilidades cognitivas como parte de sua sugestão de estilo de vida. Vygotsky deu uma ênfase maior para a questão da linguagem como um meio para aprender e pensar sobre o mundo.

Na perspectiva contextual, o desenvolvimento se dá através do contexto social no qual o indivíduo está inserido. Os contextualistas consideram o indivíduo como parte indivisível do ambiente, e não apenas como um ser interagindo com o mesmo. A teoria sociocultural de Vygotsky pode ainda ser considerada como contextual, juntamente com a bioecológica de Urie Bronfenbrenner (1917 – 2005), que divide a influência ambiental em cinco níveis, considerando que o indivíduo não é simplesmente resultado desse desenvolvimento, mas também alguém que molda esse desenvolvimento de acordo com sua subjetividade.

Por último, os teóricos da perspectiva evolucionista/sociobiológica consideram as bases evolucionistas e biológicas do comportamento, sendo influenciada pela teoria da evolução de Charles Darwin, observando as descobertas da antropologia, ecologia, genética, etologia e psicologia evolucionista explicando a adaptação ou sobrevivência do comportamento de um indivíduo ou espécie. Proposta por E. O. Wilson

(1975), esta teoria defende que os indivíduos lutam inconscientemente não só pela sobrevivência individual, mas também pela de seu próprio legado genético. Essa abordagem procura enxergar o desenvolvimento como uma interação bidirecional entre a pessoa e o ambiente.

3.3 A família como contexto de desenvolvimento humano

A temática de desenvolvimento humano dedica-se ao entendimento científico dos processos de mudanças das pessoas, seja biológico, cognitivo, psicossocial, etc. Os seres humanos se desenvolvem em um contexto social, onde está constantemente em contato com influências da vizinhança, comunidade escolar, família. É no ambiente familiar onde a criança aprende a construir e administrar suas emoções e sentimentos e expressá-los, edificar relações e a ainda, a lidar com as dificuldades, diversidades e adversidades de seu desenvolvimento (WAGNER; RIBEIRO; ARTECHE E BORNHOLDT; 1999).

A família é um dos primeiros contatos do ser com a socialização, onde se é repassado e aprendido os primeiros padrões e influências culturais, uma vez que esta presente em todas as sociedades. (AMAZONAS; DAMASCENO; TERTO; SILVA, 2003; KREPPNER, 1992, 2000). Na esfera familiar são compartilhadas várias funções educacionais, políticas, sociais, na medida em que auxilia e predomina a formação do cidadão. Com o jovem passando a ser um novo membro do mundo, ele vai a busca de conhecer outras culturas e isso faz com que

sejam influenciados com o seu papel social e existencial e acabam constituindo as oportunidades para o seu desenvolvimento.

Quando a criança nasce, ela já encontra o mundo formado e, de acordo com seu crescimento, ela vai percebendo a construção feita pela sociedade e pela família, que tem uma própria cultura. Essa cultura familiar, que vem apresentando seus costumes, tradições, hábitos, etc., nela é impregnada uma forma de ver o mundo e suas definições e maneiras na constituição da subjetividade. Logo ela é fundamental na edificação das transformações sociais e intergeracionais ocorridas ao longo do tempo, com os pais desempenhando um papel crucial na adequação das relações interpessoais, na personalidade e etc. (TÁVORA, 2003; VOLLING; ELINS, 1998).

Alguns estudos revelam de modo plausível que apesar do preconceito e discriminação, filhos de pais homoafetivos revelam que estes se desenvolvem bem com seus pares em um conceito psicossocial. Filhos criados em famílias homoparentais aparentam uma menor bagagem estereotipada no que diz respeito aos papéis masculinos e femininos. “A parentalidade lésbica e gay planejada oferece um verdadeiro 'laboratório social' de diversidade familiar” (STACEY; BIBLARZ, 2001 p. 179). De fato estas famílias representam um ambiente privilegiado para analisar a forma como o gênero interage com a orientação sexual e, em última observação perceber até que ponto a presença de pais de sexo diferente influencia no desenvolvimento das crianças. (GATO E FONTAINE, 2011).

3.4 Construção de gênero

A orientação sexual é um dos elementos mais importantes do desenvolvimento humano, podendo influenciar nas relações, pensamentos, julgamento, etc. O desenvolvimento da identidade de gênero é de fundamental importância para o processo construtivo dos indivíduos, visto que define seus interesses, atitudes e comportamentos que estarão presentes durante sua vida. De acordo com teóricos da aprendizagem social, a identificação de gênero parte da observação e imitação de uma referência, podendo ser os pais, professores ou outras pessoas (BANDURA; HUDSON, 1961).

“Na gramática, o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes” (SCOTT, 1988, p. 32). Ademais, estas classificações sugerem uma distinção entre os grupos, uma forma de agrupamento.

Gênero pode ser definido também como uma esfera determinada que se constrói para dar sentido sobre as diferenças de sexos. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1998 p. 15). Portanto, gênero serve para determinar e caracterizar tudo aquilo que é social, cultural e histórico.

Para o psicólogo americano Robert Stoller (1978), uma criança aprende a ser menino ou menina a partir de sua passagem pelo complexo de Édipo e pela aprendizagem da

linguagem. A definição de gênero se dá a partir do momento que o bebê é definido como menino ou menina partindo dessa definição, é esperado que a criança aja com comportamentos condizentes ao seu sexo biológico. Segundo Stoller (1978), Todo ser dispõe de um núcleo de identidade de gênero, onde existem convicções mediante o que se considera masculino ou feminino. Este núcleo não se altera, porém é possível vincular novos modelos e papéis a estas convicções.

Louro (1995) traz que os indivíduos se fazem homem e mulher em um segmento contínuo, por isso não é dado um desfecho no momento do nascimento, mas é formado através de costumes sociais sendo eles masculinizantes e feminizantes, com várias opiniões de cada sociedade. Assim podemos perceber que o gênero é mais do que uma identidade adquirida, e sim é formada por um grupo nas instituições sociais. Por tanto com todas essas opiniões, estão presentes a ideia de formação, educação e socialização dos sujeitos.

Portanto, entende-se que a identidade de gênero é uma construção social, que conecta experiências, visões e aprendizados adquiridos de acordo com o crescimento e desenvolvimento pessoal, a partir da observação dos modelos, sendo um fator determinante para relações sociais, perspectivas de mundo, decisório para escolhas de atitudes e conduta comportamental.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 A relação entre a construção gênero e a estrutura parental

Em um estudo qualitativo a respeito da influência parental e dos pares (DIAS; MATOS;

GONÇALVES, 2007, p. 628) foi observado que a parentalidade autoritária pode ter uma influência contrária em como estes filhos desenvolvem a questão das experiências sexuais, por outro lado, o estilo democrático pode ocasionar um sentimento de confiança nessa experiência. A finalidade de dessa influência é marcada com base na qualidade da convivência que os pais estabelecem com os filhos.

Com base na avaliação entre os estilos parentais e a orientação sexual, os pesquisadores da biologia e psicologia se dividem em diferentes opiniões, e fizeram vários questionamentos em até que ponto é assentido a influência dos pais na orientação sexual dos seus filhos. Na perspectiva biológica, acredita-se que os pais não teriam tanta influência nessas decisões, já na psicologia, considera-se que um fator determinante é a relação parental e como os pais administram essa relação na infância e adolescência. A importância desta relação há de encontrar-se na proporcional harmonia das referências parentais e da autonomia do sujeito (Sampaio, 1994).

Um estudo realizado por Golombok e Tasker (1996), com 25 filhos de mães homoafetivas, aponta que estes filhos estão mais propensos a experimentar uma relação com o mesmo sexo, visto que seu ambiente familiar foi caracterizado com a aceitação destas relações, no entanto, uma notória maioria se identificava como sendo heterossexuais.

É importante ressaltar que esse estilo democrático refere-se a participação dos pais, tanto na socialização, como no desenvolvimento do filho, intercalando os papéis de imposição de regras e limites, com afeto e comprometimento. Podendo resultar em filhos com uma autoestima

boa, envolvimento com relações sociais, bom desempenho acadêmico e facilita a aceitação e livre escolha da orientação sexual.

A forma que os pais reagem a homossexualidade dos seus filhos, é sempre muito imprevisível e com isso acaba prejudicando a relação entre eles, e com isso vem a rejeição e conseqüentemente o stress causado pelos pais/filhos (CRAMER; ROACH, 1988). Em compensação os jovens homossexuais vindo de uma família tradicional e cheia de valores morais acabam reprimindo sua homossexualidade do que os jovens vindo de famílias menos tradicionais e conservadoras (NEWMAN; MUZZONIGO, 1993).

Armesto e Weisman (2001), citados por Pereira e Leal (2005), argumentam que quanto maior for a pressão dos pais para intervir a homossexualidade dos filhos, mais eles ficam reprimidos e se sentem envergonhados, e com isso o índice para eles reagirem negativamente aumenta de uma forma absurda. Famílias que tendem a apoiar os jovens homossexuais acabam criando um vínculo a mais entre eles e a adequação psicológica da homossexualidade.

Uma pesquisa composta por 805 participantes de variadas classes sociais, revela que o apoio familiar total é quase que impossível, se tornando uma condição negativa para a identidade íntegra. Pereira e Leal (2005) ainda em sua pesquisa mostra que 58% dos participantes relatavam tal situação. No que se refere ao apoio e abertura total os indivíduos que estão expostos a situações como essa, apresentam-se menores níveis de aceitação tornando difícil a compreensão dos papéis sexuais sociais.

4.2 Os mecanismos familiares e a construção de gênero

Embora existam diversos contextos para os aprendizados sobre gênero, a família ainda é considerada o mais importante, assim, cada núcleo familiar com sua singularidade, repassa os seus próprios modelos de comportamento e vivência, visto que os adultos são considerados seus principais modelos de identificação. A presença de uma família heterossexista ou ainda exageradamente protetora pode acarretar em um risco para o desenvolvimento da identidade das pessoas homossexuais (ELIZUR; ZIV, 2001). Entretanto, em um estudo mais aprofundado, D'Augelli, Hershberger e Pilkington (1998) apontam que, existe um maior número de registros de abuso físico e verbal por parte dos jovens que revelam aos seus pais quanto a sua orientação sexual, e ainda um maior índice de suicidabilidade em relação aos que não revelam.

Ainda na infância, as crianças iniciam sua passagem pelo fenômeno da transgeracionalidade, onde ocorre a transmissão familiar de valores, crenças e legados, entre gerações. Nesta educação intrafamiliar, alguns pais tendem a transmitir para os filhos aquilo que lhes foi ensinado e outros tentam não repassar aquilo que receberam da família, visando tentar não cometer os mesmos erros (WAGNER; PREDEBON; FALCKE, 2005). Tendo em vista este ângulo, Razera, Cenci e Falcke (2014) defendem a análise histórica desta transgeracionalidade entre gerações, visto que o ser humano se desenvolve na interdependência das relações com quem está a sua volta.

O conceito de *habitus* primário, que faz referência ao aprendizado transgeracional nos contextos íntimos, vem trazendo uma definição desses valores que são repassados no seio familiar onde as crianças podem construir aspectos primários da própria identidade, como interesses, anseios, autoimagem, etc, os quais servirão para base dos aprendizados dos *habitus* secundários, influenciando absolutamente a percepção das experiências de vida, como as referentes a gênero, raça, classe social e ainda a orientação sexual (GOMES, 2000).

As vivências infantis, ligadas as figuras parentais influenciam diretamente nas decisões, padrões educativos, escolhas afetivas e os mais diversos tipos de comportamento, ocorrendo sem a percepção da pessoa e sendo influenciada transgeracionalmente, sendo definido por Miller e Harwood (2001), citados por Wagner (2010) como um processo de metas de socialização. Wagner (2010) indaga sobre as metas de socialização, quanto a influencia em gênero/sexo da criança e traz em seus estudos que as mães não fazem essa distinção, enquanto os pais tendem a criar mais expectativas sociais, principalmente em relação aos filhos homens. Assim, este fenômeno de materialização da “cuidadora”, que seria a mãe, é projetada desde a infância em mulheres e aprendida transgeracionalmente em novas gerações o conceito dessa distinção.

4.3 Os impactos da família heteronormativa na construção de gênero

A família é tradicionalmente estruturada com base em um modelo heterossexual e tipicamente regido por preceitos

heteronormativos. A heteronormatividade refere-se a um conjunto de normas e práticas que expressam a heterossexualidade e a heteroparentalidade (Anderssen; Hellesund, 2009). A convicção de dominância da heteronormatividade se dá tanto pela superposição desta norma, quanto pela discriminação e intolerância por quaisquer outros modelos de normatividade. Neste caso, nascer e crescer homossexual, em uma sociedade heteronormativa, se torna algo inadequado e longe dos padrões (Vale de Almeida, 2012).

Segundo as conclusões de Newman e Muzzonigro (1993), jovens homossexuais nascidos em famílias com valores mais tradicionais tendem a revelar menos sua homossexualidade do que aqueles nascidos em famílias menos tradicionais. Núcleos familiares inclinados para expressão heterossexual, ou excessivamente protetores apresentam um fator de risco para o desenvolvimento da identidade de pessoas homossexuais, em alternativa, o apoio familiar e a aceitação são imprescindíveis para uma boa adaptação e desenvolvimento.

Em um estudo realizado por Dias, Matos e Gonçalves (2007) com 72 adolescentes de escolas públicas do ensino regular, os jovens revelaram que a influencia dos pais nas condutas sexuais dos filhos decorre do tipo de relacionamento que os pais desenvolvem com os mesmos. No tocante a relações familiares, ambientes conflituosos podem gerar consequências no adolescente, como baixa autoestima e depressão, e ainda, acarretar em comportamentos sexuais de risco (DIAS; MATOS; GONÇALVES, 2007).

Uma meta-análise realizada por Crowl et al. (2008) estudou as diferenças entre crianças criadas por pais homossexuais e pais heterossexuais, onde não foi percebido nenhuma diferença entre elas no que se refere ao desenvolvimento cognitivo, sexual, identidade de gênero ou preferencia sexual. Pode-se notar ainda que os pais homoafetivos mantem uma relação consideravelmente melhor com seus filhos do que os pais heteroafetivos.

4.4 Os impactos da parentalidade homoafetiva na construção de genero

Com o passar dos anos, a família de estruturação tradicional (mãe, pai e filhos) se modificou e ainda se modifica significativamente com relação a esta ordenação. Uma destas transformações se da pelo modelo heterossexual, monogâmico e nuclear, visto muitas vezes como natural e imutável (MOSCHETA; SANTOS, 2009), e ainda de outros como casais héteros sem filhos, entrando no surgimento do modelo homoparental, o qual vem ganhando visibilidade e mostra uma nova experiência sobre ser e de se relacionar.

Homoparentalidade é um termo originalmente francês, criado em 1997 pela APGL (Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas.). Segundo Gomes e Rodrigues (2012) uma família homoparental é considerada quando ao menos um indivíduo homossexual assume a responsabilidade por uma criança. Das criticas e argumentos contra famílias homoparentais, a maior parte delas vem dizer sobre se resguardar valores e preservar a constituição tradicional, além de se questionar sobre a saúde mental

destes pais e sobre a inclinação dos filhos a se tornarem homossexuais, e também sobre a passagem da criança pelo complexo de Édipo.

Em um estudo realizado por Zambrano (2006), destaca-se a importância de uma figura do sexo feminino no auxilio dos cuidados com a criança, no entanto, este contato não precisa ocorrer necessariamente no núcleo familiar (FIORINI, 2010). Teóricos salientam que as figuras de pai e mãe não precisam de fato existir, no entanto, podem ser figuras ou posições imaginárias, podendo ainda ocorrer estruturalmente, de alguma forma. Féres-Carneiro (2009) destaca que as funções maternas e paternas não tem uma raiz biológica, e sim subjetiva, assim, cada sujeito desempenha uma função, constituindo um lugar e marcando sua presença na vida da criança.

Em estudos realizados por Vecho e Schneider (2005), estes vieram com um enfoque maior em responder as preocupações criadas em volta do desenvolvimento psicossocial, psicosexual e com o contexto de uma possibilidade de discriminação (GATO; FONTAINE, 2011). Os resultados encontrados no desenvolvimento de crianças em famílias homoparentais quanto ao desenvolvimento psicossocial não apresentaram grandes diferenças comparadas as famílias heteroparentais, no entanto, alguns dos estudos revelaram que estas crianças com mães lésbicas consideram as mães como sendo mais disponíveis e dignas de confiança, as quais tinham abertura para falar sobre qualquer assunto, inclusive seu desenvolvimento sexual (MACCALLUM; GOLOMBOK, 2004). Em nenhuma das pesquisas foram notadas diferenças significativas

em questões cognitivas ou de hiperatividade, questões comportamentais ou emocionais, tampouco em autoestima. No tocante social, os filhos de pais homoafetivos se sentem tão aceitos quanto os colegas de famílias heteroparentais. Fiona Tasker e Golombok (1995, 1997) analisaram jovens adultos filhos de mães lésbicas, os quais não se lembravam de sofrer discriminação quando crianças, ou até mesmo alguma discussão sobre o assunto, no entanto, foram relatadas uma tendência, não significativa, para piadas sobre a própria sexualidade

Por fim, na esfera psicossocial, os resultados trazem um comportamento mais flexível diante dos papéis de gênero, por parte dos indivíduos criados por pais homoafetivos, tanto os meninos, quanto as meninas se comportam de uma forma menos tradicional, menos estereotipada e ainda, menos agressiva (STECKEL, 1987; STACEY; BIBLARZ, 2001). Em outro estudo, realizados com adultos, filhos de casais homoafetivos, foi observado uma bagagem menos estereotipada, onde estes mesmos se presumem mais abertos a relacionamentos homossexuais. No entanto, não foi observada uma probabilidade de se autodeclararem lésbicas, gays ou bissexuais. A maioria dos estudos não evidenciou um número significativo de orientação sexual homossexual, nos filhos de pais homoafetivos, nem tampouco uma identidade de gênero diferente de seu gênero biológico (GOLOMBOK et al., 2003). Também foi observado um número maior na tolerância em termos de papéis de gênero e ainda, uma maior aceitação da homossexualidade em comparação com os indivíduos educados por casais heterossexuais (GATO; FONTAINE, 2011).

Estes estudos mostram que os indivíduos inseridos em um modelo de família homoparental conseguem se desenvolver tão bem quanto os criados em um modelo tradicional. Ainda que haja uma ausência de progenitor de outro sexo, estes jovens aparentam um desenvolvimento menos estereotipado. Alguns estudos também apontam para uma diferença no desenvolvimento com ausência dos pais, de famílias homoparentais femininas, a ausência do pai remove um peso maior dos meninos quanto a conformação de gênero, e ainda, propiciar nas meninas um efeito maior na relação mãe e filha, afetando menos a socialização de gênero (BIBLARZ; STACEY, 2010). No entanto, para contribuir com esta flexibilidade, esta ausência não parece se dar a um pai, mas sim a um pai heterossexual. Deste modo, as famílias homoparentais parecem contribuir positivamente no desenvolvimento dos filhos longe de uma masculinidade heterossexual, propiciando aos seus filhos uma liberdade dos constrangimentos e discriminações de gênero.

5. CONCLUSÃO

O presente estudo almejou alcançar respostas perante o tema proposto, analisando de que forma os pais podem influenciar no desenvolvimento de seus filhos. As premissas propostas aqui visaram observar a família como o contexto base para o desenvolvimento e em como ocorre esta influência parental nas questões de gênero e sexualidade das crianças.

Considerando o fenômeno da transgeracionalidade, podemos observar o quão influentes são os pais nos primeiros anos de vida,

a partir da transmissão dos valores e crenças, os quais são aprendidos e desenvolvidos a partir do núcleo familiar, esses aprendizados sugestionam diretamente nas relações futuras, comportamento, decisões, etc. Ainda que a formação familiar homoparental sofra questionamentos e incertezas, é perceptível que o desenvolvimento de crianças em esfera homoparental pode se desenvolver tão bem quanto as criadas em um modelo heteroparental.

É possível ainda, observar que os comportamentos estereotipados ou não, provem de uma cultura e aprendizado adquiridos na família, onde foi observado que crianças desenvolvidas em ambiente homoparental carregam uma bagagem menor destes estereótipos e conseqüentemente, este desenvolvimento psicosssexual vem com uma pressão menor, principalmente pelo contexto onde estão inseridos, podendo ser percebido também que em um ambiente machista, onde as regras são impostas de acordo com a ideia de estereótipos de gênero, entre meninos e meninas, estes estereótipos podem ser passados pelo processo de transgeracionalidade, comprometendo a forma como o gênero interage com a orientação sexual.

No entanto, a pesquisa ainda é pouco explorada, dificultando o aprofundamento no assunto, dessa forma, é preciso estimular ainda mais pesquisas deste âmbito, estudos mais detalhados para uma melhor compreensão sobre o conteúdo.

REFERÊNCIAS

AFONSO, José. Masculino e feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica. *Análise psicológica*, v. 25, n. 3, p. 331-342, 2007.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; CUNHA, Gleicimar Gonçalves. Representações sociais do desenvolvimento humano. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 16, p. 147-155, 2003.

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida et al. Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicologia em estudo*, v. 8, p. 11-20, 2003.

BANDURA, Albert; HUSTON, Aletha C. Identification as a process of incidental learning. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 63, n. 2, p. 311, 1961.

BIBLARZ, Timothy J.; STACEY, Judith. Como o gênero dos pais importa? *Diário do casamento e da família*, v. 72, n. 1, pág. 3-22, 2010.

CRAMER, David W.; ROACH, Arthur J. Coming out to mom and dad: A study of gay males and their relationships with their parents. *Journal of homosexuality*, v. 15, n. 3-4, p. 79-92, 1988.

D'AUGELLI, Anthony R.; HERSHBERGER, Scott L.; PILKINGTON, Neil W. Jovens lésbicas, gays e bissexuais e suas famílias: Divulgação da orientação sexual e suas conseqüências. *Revista americana de ortopsiquiatria*, v. 68, n. 3, pág. 361-371, 1998.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 17, p. 21-32, 2007.

DIAS, Sônia; MATOS, Margarida Gaspar de; GONÇALVES, Aldina. Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. *Análise Psicológica*, p. 625-634, 2007.

DINIZ, Pollyane Kahelen da Costa; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Metas de socialização e estratégias de ação paternas e maternas. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 20, p. 145-154, 2010.

ELIZUR, Yoel; ZIV, Michael. Apoio e aceitação familiar, formação da identidade gay masculina e ajustamento psicológico: um modelo de caminho. *Processo familiar*, v. 40, n. 2, pág. 125-144, 2001.

- FÉRES-CARNEIRO, Terezinha.** Casal e família: permanências e rupturas. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2009.
- FIORINI, L. G.** Reflexiones sobre la homoparentalidad: parentalidad em parejas homossexuales. *Homoparentalidades: nuevas familias*, v. 2, p. 47-56, 2010.
- GOLOMBOK, Susan et al.** Children with lesbian parents: a community study. *Developmental psychology*, v. 39, n. 1, p. 20, 2003.
- GOLOMBOK, Susan; TASKER, Fiona.** Os pais influenciam a orientação sexual dos filhos? Resultados de um estudo longitudinal de famílias lésbicas. *Psicologia do desenvolvimento*, v. 32, n. 1, pág. 3, 1996.
- GOMES, P. B. M. B.** Princesas: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- KREPPNER, Kurt.** The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 16, p. 11-22, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes.** Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & realidade*. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 101-132, 1995.
- MACCALLUM, Fiona; GOLOMBOK, Susan.** Children raised in fatherless families from infancy: a follow-up of children of lesbian and single heterosexual mothers at early adolescence. *Journal of child psychology and psychiatry*, v. 45, n. 8, p. 1407-1419, 2004.
- MOSCHETA, Murilo dos Santos; SANTOS, Manoel Antônio dos.** Relação conjugal homoafetiva: revolução ou acomodação?. *Pesquisas em psicologia: múltiplas abordagens*, 2009.
- NEWMAN, Bernie Sue; MUZZONIGRO, Peter Gerard.** Os efeitos dos valores familiares tradicionais no processo de assumir-se de adolescentes gays do sexo masculino. *Adolescência*, v. 28, n. 109, 1993.
- PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin.** Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PEREIRA, Henrique; LEAL, Isabel Pereira.** A identidade (homo) sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde. *Análise Psicológica*, v. 23, n. 3, p. 315-322, 2005.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar.** Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição. Editora Feevale, 2013.
- RAZERA, Josiane; CENCI, Cláudia Mara Bosetto; FALCKE, Denise.** Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 6, n. 1, p. 47-51, 2014.
- RODRIGUEZ, Brunella Carla; GOMES, Isabel Cristina.** Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. *Boletim de psicologia*, v. 62, n. 136, p. 29-36, 2012.
- SAMPAIO, Daniel.** Ninguém morre sozinho: o adolescente eo suicídio. 1991.
- SANTANNA, M. S.; DASPETT, C.** O pote de ouro no final do arco-íris”: casais e famílias homossexuais. *Sexualidade na família*, p. 161-174, 2007.
- SCOTT, Joan Wallach; BOURDÉ, Marie; PRATT, Colette.** *La Citoyenne Paradoxale les Féministes Françaises Et les Droits de L'Homme*. 1998.
- SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora.** Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: teoria e Pesquisa*, v. 28, p. 101-108, 2012.
- STOLLER, Robert J.; NOVODORSQUI, Monique.** *Recherches sur l'identité sexuelle: à partir du transsexualisme*. Gallimard, 1978.
- TASKER, Fiona; GOLOMBOK, Susan.** Adultos criados como crianças em famílias lésbicas. *Revista americana de ortopsiquiatria*, v. 65, n. 2, pág. 203-215, 1995.
- TÁVORA, Mônica Teles.** Evolução e crescimento de pais e filhos: Mudanças necessárias nessa relação. *Psico (Porto Alegre)*, p. 23-38, 2003.
- VECHO, Oliver; SCHNEIDER, Benoît.** Paternidade entre pessoas do mesmo sexo e desenvolvimento infantil: revisão de trinta anos de publicações. *Psiquiatria infantil*, v. 48, n. 1, pág. 271-328, 2005.
- VOLLING, Brenda L.; ELINS, Julie L.** Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: A replication with toddler and preschool siblings. *Child Development*, v. 69, n. 6, p. 1640-1656, 1998.
- WAGNER, Adriana et al.** Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 12, p. 147-156, 1999.
- WAGNER, Adriana; PREDEBON, Juliana; FALCKE, Denise.** Transgeracionalidade e educação:

como se perpetua a família. Como se perpetua a família, p. 93-105, 2005.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e

transexuais. Horizontes antropológicos, v. 12, p. 123-147, 2006.